

MERIDIANUS DAEMON, POR DREXLER*Everton Mitherhofer Bernardes*¹*Alessandro Rolim de Moura*²

Resumo: Apresenta-se aqui a tradução do texto *Meridianus daemon*, de Wilhelm Drexler (1858-1930). O artigo, originalmente em alemão, compila relatos sobre diversos mitos que envolvem o meio-dia.

Palavras-chave: Estudos Clássicos; Mitologia comparada; Filologia Clássica alemã.

Abstract: This work presents the translation of the text *Meridianus daemon*, by Wilhelm Drexler (1858-1930). The article, originally in German, compiles accounts of several myths involving the midday.

Keywords: Classical Studies; Comparative Mythology; German Classical Philology.

É bem conhecida a relevância da Filologia alemã dos séculos XIX e XX para todos os estudantes das chamadas Letras Clássicas (Língua e Literatura Grega e Latina). No contexto das *Altertumswissenschaften* (Ciências da Antiguidade), insere-se o detalhado estudo das mitologias e religiões greco-romanas, que tem entre suas principais referências o *Ausführliches Lexikon der griechischen und römischen Mythologie*, originalmente organizado por Wilhelm Heinrich Roscher (1845-1923) na venerável casa editorial Teubner, de Leipzig, obra cuja parte de 1894-7 (zweiter Band, zweite Abteilung) está disponível na rede.³ Evidentemente, o acesso a esse e outros materiais, para a quase totalidade dos estudantes brasileiros, só tem se tornado possível nas últimas três décadas, com a ampliação paulatina dos acervos online. Mas a pesquisa cotidiana nas fontes alemãs ainda é uma realidade distante para a maioria dos estudiosos brasileiros, pela falta de prática com a língua e cultura alemãs. Tal contexto é desfavorável para a área de Clássicas, na medida em que inúmeras informações essenciais para o especialista praticamente só se encontram organizadas e discutidas nessas fontes. Um exemplo é o esclarecimento necessário a passagens da literatura clássica como a do *Idílio* 1 (versos 15 e seguintes) de Teócrito em que um cabreiro revela o temor de tocar sua

¹ Mestrando em Letras - Estudos Linguísticos (linha de pesquisa: estudos gramaticais: descrição, análise, teoria, meta-teoria e historiografia) na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

² Doutor em Letras Clássicas pela Universidade de Oxford (D.Phil. in Classics, 2008), possui mestrado em Letras (Letras Clássicas) pela Universidade de São Paulo (2000) e graduação em Letras - Português e Latim pela Universidade Federal do Paraná (1994). Atualmente é Professor Associado de Literatura Grega e Latina da Universidade Federal do Paraná.

³ Em <https://archive.org/details/ausfhrlichesle02roscooft/page/2304/mode/2up>, último acesso em 18.06.20.

siringe ao meio-dia e interromper o descanso de Pã, ou aquela de Ovídio, nas *Metamorfoses* (3.144 e seguintes), em que Acteão se depara por acaso, ao meio-dia, com a nudez de Ártemis, que se banhava, e é por isso castigado. Ao leitor medianamente familiarizado com o texto bíblico, estranhará talvez a presença de um “demônio do meio-dia” no *Salmo* 90(91).6. Quem se interessar por maiores esclarecimentos e paralelos para aquilo que em latim sintetiza-se na expressão *meridianus daemon*, encontrará copiosa recolha de dados no artigo de Wilhelm Drexler (1858-1930) no *Lexikon* acima citado (colunas 2832-6). Como uma maneira de incentivar o contato com essa bibliografia e, de modo mais geral, com a Filologia Clássica alemã, resolvemos traduzir o artigo para o português. Ao buscarmos uma abordagem tradutória que nos permitisse avaliar as escolhas com relação aos estranhamentos causados pelos múltiplos idiomas envolvidos e pela apresentação pouco didática do original, optamos pela teoria do *skopos* (Reiß; Vermeer, 2014 e Nord, 2016). Determinado o público-alvo como estudantes brasileiros das Letras Clássicas com pouco ou nenhum conhecimento de língua alemã, reorganizamos a sintaxe, por vezes quebrando-a em períodos mais curtos, adaptamos certos padrões de pontuação e alteramos a paragrafação de determinados trechos. Alguns erros encontrados no original foram corrigidos (como as grafias incorretas de *dziewanna* e *dziewica*, no original *dzievanna* e *dzievica*). Acrescentamos também traduções das passagens em grego e latim e procuramos esclarecer algumas informações que ficavam vagas no original.

Meridianus daemon (*Du Cange, Gloss. med. et inf. lat. s. v. daemon meridianus*), δαιμόνιον μεσημβρινόν (*Salmo* 90 (91), 6, no qual, entretanto, essa tradução é feita a partir de uma leitura errada do texto hebraico; ver *Franz Delitzsch, Comm. üb. den Psalter* 2 p. 20, *H. Graetz, Krit. Comm. zu d. Psalmen* 2 p. 515s.), o fantasma do meio-dia.

São muito difundidas, não apenas entre os gregos e romanos, as crenças de que não só a meia-noite, mas também o meio-dia é um horário em que deuses e demônios praticam seus jogos na terra. Quem nessas horas for por eles avistado há de sofrer com suas iras ou troças. De acordo com *Teócrito, Idílio* 1, 15ss. (ver *Roscher, Selene*, p. 161), um pastor não deve, nessa hora, tocar a siringe, pois estará incomodando a pausa do meio-dia de Pã (cf. *Filóstrato, op.* 2 p. 357 ed. Kayser), que irá punir o perturbador. Contudo, ele também pode aparecer nesse horário para ajudar a curar um doente (*Drexler, Die Epiphanie des Pan, Philologus* N. F. 6 (1894) p. 731s.).

Nas Palílias, o pastor romano implora a Pales que ela o esconda da visão de Fauno ao entrar na floresta durante o meio-dia: *Ovídio, Fastos* 14, 762; *Karl Haberland, die Mittagsstunde als Geisterstunde, Zeitschr. f. Völkerpsych. u. Sprachwissenschaft.* 13 (1882) [p. 310-324] p. 313. As sereias, diz *Crusius — Die Epiphanie der Sirene, Philologus* N. F. 4 (1891) p. 97-107 (cf. especialmente p. 105s.) —, aparecem nessa hora; assim como Hécate (segundo *Luciano, Philopseudes* 22) e Empusa (*Schol. Aristoph. Ran.* 293; ver *Rohde, Psyche* p. 371 notas 1, 2). Em *Calímaco, Hino a Deméter* 38s., as Ninfas dançam ao meio-dia em torno de um álamo em Dócio [gr. Δώτιον, localidade na Tessália]; ver *Mannhardt, Wald- u. Feldkulte* 2 p. 8. É nesse horário que Sátiros e Ninfas fazem sua ciranda em *Ausônio, Mosella* v. 178ss.; ver *Schmidt, Volksleben der Neugriechen* p. 95. Jasão contempla ao meio-dia as Ninfas líbias e desvia, tímido, o olhar (*Apolônio de Rodes* 4, 1312ss.). Em *Calímaco, Hino ao banho de Palas* 71ss., Tirésias contempla Palas ao meio-dia; em *Ovídio, Met.* 3, 144ss., nesse mesmo horário, Acteão contempla Ártemis no banho, e ambos [Tirésias e Acteão] são severamente punidos por isso.

O herói Protesilau aparece nessa hora voltando da caça e se deita para dormir (*Filóstrato, op.* 2 p. 143 ed. *Kayser, Rohde, Psyche* p. 639 nota 5 da p. 638); da mesma forma, [é nessa hora que] Búplago [levanta-se do meio dos mortos em] *Flégon, Maravilhas* c. 3 p. 126 ed. *Westermann*; ver *Dilthey, Rhein. Mus.* N. F. 27 (1872) p. 412 nota 1. Plutão e Perséfone aparecem ἐν μεσημβρίᾳ σταθηρᾷ [“no pino do meio-dia”] para Empedotimo (*Proclo, ad Plat. Rem publ.* p. 19 ed. *Pitra*; ver *Rohde, Psyche* p. 371 nota 4 da p. 370). Em Palene, nenhum pastor ousava se dirigir durante o meio-dia até onde os gigantes estavam enterrados, pois seus espíritos rugiam muito alto nesse horário (*Filóstrato, op.* 2 p. 140 ed. *Kayser*).

Na Gália, segundo *Lucano, Farsália* 3, 423ss., o bosque sagrado perto de Marselha era evitado durante o meio-dia e à meia-noite até mesmo pelo sacerdote, que temia encontrar a divindade. Essa terra era conhecida durante a alta Idade Média pelas curas, realizadas por santos, de doenças causadas pelo *meridianus daemon* (cf. *Du Cange, Gloss.* 2 p. 735: *Gregor. Turon. lib. 4 de mirac. S. Martini* c. 36; *Vita S. Rusticulae Abbatissae Arelat.* c. 27; *Miracula S. Iovini Abb.*). Diana era considerada um espírito do meio-dia; ver posicionamentos sobre isso em *Grimm, D. M.* 2⁴ p. 972. – *Lobeck, Aglaophamus* p. 1092 e *Usener, Rhein. Mus.* N. F. 50 (1895) p. 147 citam de *Acta Symphoriani* c. 6 p. 83 ed. *Ruinart* (Amsterdã 1713): *Dianam quoque daemonium esse meridianum sanctorum industria investigavit, quae per compita currens et silvarum secreta perlustrans hominum mentibus zizaniae tribulos disseminat.* [“A dedicação dos santos descobriu que também Diana é um demônio do meio-dia, que, correndo

pelos caminhos e percorrendo os recônditos das florestas, dissemina perturbações de cizânia pelas mentes dos homens.”] Essa representação também circulava entre os celtas da Ásia, como mostra uma passagem, mencionada por *Usener*, op. cit., de uma biografia de São Teodoro de Siceão (in *Μνημεῖα ἀγιολογικὰ νῦν πρῶτον ἐκδιδόμενα* Veneza 1884. 8º p. 375): ἤκουε δὲ περί τινος τόπου ὄντος ἀπὸ σημείων ὅκτῳ (de Anastasiópolis) καλουμένου Ἄρκεα ὥς μὴ δύνασθαι τίνα τῷ τόπῳ ἐκείνῳ προσεγγίσει, μάλιστα δὲ τῇ ὥρᾳ τῇ μεσημβρινῇ, διὰ τὸ περιηχεῖσθαι τὴν λεγομένην Ἄρτεμιν μετὰ πολλῶν δαιμόνων ἐκεῖ διατρίβειν καὶ ἀδικεῖν μέχρι θανάτου· ξενιζόμενος οὖν ἐπὶ τῇ τοιαύτῃ φήμῃ ἐν ταῖς ἡμέραις τοῦ ἰουλίου καὶ αὐγούστου μηνὸς μετὰ τὸ πληροῦν αὐτὸν τὴν τῆς τρίτης ὥρας ψαλμωδίαν ἀπήρχετο δρομαῖος κατὰ τόπον ἐκεῖνον, καὶ ὅλον τὸ μεσημβρινὸν διῆγεν ἐκεῖ ἐν τοῖς νομιζομένοις τόποις τῆς Ἀρτέμιδος· μηδεμίας οὖν αὐτῷ πονηρᾶς ἐνεργείας φαινομένης διὰ τῆς τοῦ Χριστοῦ ἀντιλήψεως ὑπέστρεφε ἐν τῷ μαρτυρίῳ. [“E ouvia sobre um certo lugar chamado Árcea, a oito milhas (de Anastasiópolis), que não podia ninguém se aproximar daquele lugar, e principalmente na hora do meio-dia, por correr o rumor de que a chamada Ártemis, na companhia de muitos demônios, ali passava o tempo e praticava injustiças, causando até a morte; portanto, surpreso com tal fama, nos dias de julho e agosto, depois de terminar a salmodia da terceira hora, partia correndo para aquele lugar, e durante todo o meio-dia passava o tempo ali, nos lugares considerados de Ártemis; não lhe aparecendo, por causa da proteção de Cristo, nenhuma atividade má, voltava em testemunho.”] Os demônios aparecem ao meio-dia para os ascetas cristãos, segundo *Politis*, *Μελέτη ἐπὶ τοῦ βίου τῶν νεωτέρων Ἑλλήνων* 1, Atenas 1871, p. 107 nota 1, sobre *Jerônimo*, *Vita Sancti Pauli primi Eremit.* c. 6.

A crença no perigo do meio-dia sobrevive imutável entre os gregos da Idade Média e da Idade Moderna. *Schmidt*, op. cit. p. 96 cita *Alácio de Graec. opinat.* p. 128s., compartilhando as seguintes fórmulas: Ἄγιε Πατάπιε πάταξον πᾶν κακὸν καὶ δαιμονικὸν μεσημβρινὸν καὶ μεσονυκτικόν [“São Patápio, abate todo mal e o demônio do meio-dia e da meia-noite”] e φύλαξον αὐτούς, Κύριε, ἀπὸ παντὸς πονηροῦ καὶ δαιμονίου μεσημβρινοῦ καὶ μεσονυκτικοῦ [“Senhor, proteja-os de todo mal e do demônio do meio-dia e da meia-noite”]. Com relação às crenças populares gregas ainda existentes com relação aos seres demoníacos do meio-dia, especialmente aos grandes perigos das Nereidas, ver *Schmidt* *ibid.*, p. 94, 119, *Mannhardt* 2 p. 37, *Wachsmuth*, *Das alte Griechenland in neuen* p. 30, *Politis*, op. cit. 1 p. 106-108. O último traz (p. 106, nota 3) a notícia interessante de que as Nereidas, por conta de suas aparições ao meio-dia em Melos, são chamadas *Μεσημεργιάταις* [“As do Meio-Dia”].

Os eslavos têm muitas histórias sobre os fantasmas do meio-dia, como os boêmios [tchecos] sobre a Polednice e o Poledniček (derivados de *poledne*, “meio-dia”): *Grohmann*,

Sagen-buch aus Böhmen und Mähren 1 p. 111s., *Mannhardt* 2 p. 135 nota 3, *Grimm, D. M.* 2⁴ p. 972, *Haberland* p. 312. Os poloneses na província de Posen contam sobre a *Południca* (*Knoop, Sagen und Erzählungen aus der Provinz Posen* p. 73ss.; ver as notícias sobre *dziewanna* e *dziewica* em *Grimm*, op. cit.); os dálmatas, sobre *podne roga* [“chifres do meio-dia”] (*Haberland* p. 312), os lusacianos eslavos, sobre a *Pschesponiza* (ver *Schulenburg, Wend. Volksthum* p. 45, *Wend. Sagen aus dem Spreewald* p. 85ss.; cf. *Verh. d. Berliner Ges. f. Anthrop., Ethn. u. Urgesch.* 1877 p. (96)s.); os russos, sobre a Viúva de Luto ou a Mulher Lamuriosa, *Grimm*, op. cit., *Grohmann* p. 112. Também os romenos temem o meio-dia (*W. Schmidt, Das Jahr u. seine Tage in Meinung u. Brauch der Römanen Siebenbürgens.* Hermannstadt 1866 p. 20). Da mesma forma, na Sicília, ao meio-dia os espíritos assustam. Um vento mais fraco que bata nesse horário pode ser para alguns trabalho de demônios, para outros, os próprios espíritos (*Pitrè, Biblioteca delle tradizioni popolari siciliane* 17 p. 33, 99). No condado de Modica reza a lenda que quem nascer no mês de maio será levado por *Malifrùsculi*, demônios que fazem suas travessuras ao meio-dia, *Pitrè*, ibid. p. 98s.; para os italianos, ver também *Trede, Das Heidentum in der römischen Kirche* 4 p. 362, sobre a *Controra*, como chamam o meio-dia. Muito nos conta *Braga, O povo portuguez* 2 p. 148ss., de demônios que, de acordo com as crenças populares portuguesas, aparecem ao meio-dia, tal como o *Entreaberto* e o *Homem das Sete Dentaduras*. De acordo com ele, há orações portuguesas que terminam com a fórmula:

Nem de noite, nem de dia

Nem ao pino do meio-dia.

Na Bretanha conta-se de um espírito maligno que ao meio-dia aparece e entra no corpo de camponeses que caíram no sono para induzi-los a serem tolos e maldosos (*Alfred de Nore* (pseudônimo para o *Marquis de Chesnel*), *Coutûme, mythes et traditions des provinces de France.* Paris-Lyon 1846 p. 214). A partir de *Ossian*, *Politis* (op. cit. p. 108 nota 2) traz evidências do maligno enxame de espíritos do meio-dia e, a partir de *Walter Scott, Lady of the Lake* c. III seq. 7 n. 1, *Liebrecht, Zur Volkskunde* p. 28 apresenta a crença popular gaélica em *Glaslich*, uma bruxa do meio-dia. Na Suécia, de acordo com *Haberland*, op. cit. p. 313, encontra-se o *Tomtei Garden* arrastando uma haste de palha ao meio-dia. Sobre a crença no espírito do meio-dia na Suíça, ver *Rochholz, Deutscher Glaube u. Brauch* 1 p. 67ss.; sobre a Alemanha, estou satisfeito com as passagens trazidas por *Haberland*, com *Wuttke, Der Deutsche Volksaberglaube der Gegenwart* 2. A, índice s. v. *Mittag*, assim como com o texto

de *Bollig-Bedburg, Sagen aus d. Rheinprovinz, Die Mittagsgeister der Ernstniederung, Zeitschr. f. Volkskunde* 4 p. 121-126, e o de *Robens, Mittagsgeister u. Gespenster aus der Ernstniederung*, *ibid.* 4 p. 262s. Na Hungria acredita-se que às 12h do dia e às 12h da noite a Szépasszony espalha destruição ao seu redor. Nesses horários não se deve passar no meio da estrada, pois lá pode-se pisar no pote da Szépasszony, o que resulta em uma doença terminal (*L. Kálmány, Ethnol. Mitt. aus Ungarn* 3 (1893/94) p. 191s.). Entre os estonianos, Tuule-Emä, a mãe do vento, prefere vagar às 11 horas, e então, às vezes, torce os caules ao redor (*Wiedemann, Aus dem Inneren und äusseren Leben der Ehsten* p. 443).

O meio-dia também é considerado um horário de má sorte pelos maris e pelos udmurtes, mas para estes apenas durante os meses de junho a agosto (*Haberland* p. 316 seguindo *C. v. Gerstenberg, Globus* 10 (1866) p. 204). O Talmud apresenta um demônio de antes e outro de depois do meio-dia. O segundo tem um chifre, um único olho e gira constantemente em círculo. Ele aparece ao meio-dia e tem maior poder no pico do verão (*Grünbaum, Beiträge zur vergleichenden Mythologie aus der Hagada, Z. D. M. G.* 31 (1877) p. 251s. A partir de *L'Egypte de Murtadi, fils de Gaphiphe, de la traduction de M. Pierre Wattier*. Paris 1666 p. 65, comenta *Liebrecht (Zur Volkskunde* p. 513) que o espírito da pirâmide do sul [dentre as três maiores de Gizé] era visto como uma bela mulher nua girando em torno da pirâmide ao meio-dia e ao pôr-do-sol. O Código de Manu (4, 131), segundo *Haberland* p. 319s., desaconselha que se fique parado em uma encruzilhada à meia-noite, ao meio-dia e durante o pôr-do-sol. Na Índia acredita-se que os bhutas preparam sua comida ao meio-dia e à noite, e avisa-se isso às crianças e mulheres para que saiam nesses horários, de forma que não pisem nas comidas dos espíritos (*Ind. Not. a Qu.* 4 p. 132 n. 500, *W. Crooke, An introduction to the popular religion and folklore of Northern India*, p. 182; ver para a Índia também *Panjab not. a Qu.* 1 p. 63 n. 526). Em áreas remotas do Japão acredita-se que durante a primavera ninguém deve permanecer nos campos ao meio-dia, pois nessa hora Kersita, a filha da terra, abençoa os bosques com suas brilhantes virgens e a bênção dessa deusa perde forças quando ela se encontra perto de pessoas (*Diro Kitao, Aus d. Mythenwelt d. Japan. Ausland*, 1875, p. 949ss.).

Contudo, não pretendo providenciar mais relatos do infinito material para além da literatura já mencionada, contentando-me em indicar *Frommann, Tractatus de fascinatione*. Nuremberg 1675. 4º p. 897-899, *Joa. Bened. Carpzov, Philosophorum de quiete Dei placita*. Leipzig 1740. 4º § 2 e 3 p. 14-28, *Leopardi, Saggio sopra gli errori popolari degli antichi*. 1848. c. 7 “*Del Meriggio*” p. 85-96, *Friedreich, Die Weltkörper in ihrer mythisch-symbol. Bedeutung*. Würzburg 1864, § 201 p. 323-325, *Dilthey, Rhein. Mus.* N. F. 25 p. 334 e nota 1,

E. L. Rochholz, Germania 5 (1866) p. 70s., *F. Liebrecht, Zu den Nugae Curialium des Gualterus Mapes, Germania* 5 [p. 47-66] p. 47, *distinctio* 1 c. 11, *de Herla rege*. p. 61s., *dist. 4 c. 11, de fantastica deceptione Gerberti*, v. *Schulenburg, Die Mittagsstunde, Am Urdsbrunnen* 5 p. 42-45, *Laistner, das Rätsel der Sphinx* passim, *Riess* s. v. *Aberglaube* em *Pauly Wissowas R.-E. d. kl. A.* 1 Sp. 44s., *Rodd, Customs ... of modern Greece* 181s. [Drexler.]

Referências bibliográficas:

DREXLER, W. *Meridianus daemon*. In: ROSCHER, W. H. **Ausführliches Lexikon der griechischen und römischen Mythologie**. Zweiter Band, zweite Abteilung. LAAS-MYTON. Leipzig: Teubner, 1894-7, col. 2832-6.

NORD, Christiane. **Análise textual em tradução**: bases teóricas, métodos e aplicação didática. Coordenação da tradução e adaptação de Meta Elisabeth Zipser. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.

REIß, Katharina; VERMEER, Hans J. **Towards a General Theory of Translational Action: Skopos Theory Explained**. Trad. Christiane Nord. Londres/Nova York: Routledge, 2014.